



DOSSIÊ: CAMINHOS DA CRÍTICA: IDENTIDADES, FEMINISMOS E PROJETOS EMANCIPATÓRIOS

Vozes que ecoam ancestralidade e resistências em coletâneas de autoria feminina negra contemporânea

Voices that echo ancestry and resistance in contemporary black female authorship collections

Voces que se hacen eco de la ascendencia y las resistencias en las colecciones de autoría femenina negra contemporánea

Cibele Verrangia Correa da Silva¹

orcid.org/0000-0003-2388-7241
cverrangia@yahoo.com.br

Recebido: 31 maio 2023.

Aprovado: 4 dez. 2023.

Publicado: 5 abril. 2024.

Resumo: Este artigo pretende construir um diálogo estético, político e cultural entre duas obras da literatura negra de autoria feminina produzida no Brasil, em um gênero bastante interessante que é a coletânea, em que se observa uma pulverização de vozes em torno de escritas feitas em escritas feitas em encontros ancestrais. Os livros escolhidos são: *Coletânea de literatura feminina negra Louva Deusas* (2012) e *De Zacimbas a Suelys: Coletânea Afro-Tons de expressões artísticas de mulheres negras no Espírito Santo* (2017). Acompanhando as circulações tanto das obras quanto das artistas, fomos percebendo que estas publicações figuraram como possibilidade de apresentar e divulgar novas escritoras, mas também vimos surgir experiências de emancipação subjetiva e econômica, em um devir que é artístico e de enfrentamento a uma realidade de opressão e violências, na ressignificação de espaços, produzindo compartilhamentos em vozes múltiplas e contatos de fortalecimento de ancestralidade.

Palavras-chave: Coletânea. Coletânea Louva Deusas. Coletânea Afro-Tons. Literatura de autoria feminina negra. Ancestralidade.

Abstract: This article intends to build an aesthetic, political and cultural dialogue between two works of black literature of female authorship produced in Brazil, in a very interesting genre that is the collection, in which one observes a spraying of voices around texts written in *escrivências* and ancestral meetings. The chosen books are: *Coletânea de literatura feminina Negra Louva Deusas* (2012) and *De Zacimbas a Suelys: Coletânea Afro-Tons de expressões artísticas de mulheres negras no Espírito Santo* (2017). Following the circulation of both works and artists, we realized that these publications figured as a possibility to present and disseminate new writers, but we also realized the arising of subjective and economical emancipation, in a becoming that is artistic and of confrontation to a reality of oppression and violence, in the (re)signification of spaces, producing sharing in multiple voices and contacts for ancestry strengthening.

Keywords: Collection. *Louva Deusas* collection. *Afro-Tons* collection. Black female authorship literature. Ancestry.

Resumen: Este artículo pretende construir un diálogo estético, político y cultural entre dos obras de literatura negra de autoría femenina producidas en Brasil, en un género muy interesante que es la colección, en la que observamos una pulverización de voces en torno a escrituras realizadas en *escribivências* y encuentros ancestrales. Los libros elegidos son: *Coletânea de literatura feminina Negra Louva Deusas* (2012) y *De Zacimbas a Suelys: Coletânea Afro-Tons de expressões artísticas de mulheres negras no Espírito Santo* (2017). Siguiendo las circulaciones tanto de las obras como de las artistas, nos hemos ido dando cuenta de que estas publicaciones figuraban como una posibilidad de presentar y dar a conocer a nuevas escritoras, pero también hemos visto emerger experiencias de emancipación subjetiva y económica, en un devenir que es artístico y de confrontación a una realidad de opresión y violencia, en la re-significación



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

¹ Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), Vitória, ES, Brasil.

de espacios, produciendo un compartir de múltiples voces y contactos de fortaleciendo de ancestralidad.

Palabras-clave: Colección. Colección *Louva Deusas*. Colección *Afro-Tons*. Literatura negra femenina. Ancestralidad.

Abrindo caminhos²

[...] E o corpo se torna a tela:
 Onde se desenha a ação
 Se pinta o texto
 Se escreve o desenho
 Se ouve o gesto
 Se movimenta a memória
 Se vê a palavra
 Se tece a poesia
 E todos os ancestrais param para abençoar-
 -ouvir-ver-sentir,
 "E o verbo se fez dança e habitou entre nós".
 ("Vozes afro da pele" – Mileide Santos).

O respectivo artigo busca propor um diálogo afetivo e de comprometimento estético, político e cultural entre duas obras da literatura negra de autoria feminina contemporânea produzidas no Brasil, em um gênero bastante interessante, complexo e pouco estudado que é a coletânea, em que se observa uma pulverização de vozes³ em torno de escritas feitas em escrevivência (categoria literária pensada pela escritora Conceição Evaristo e que será melhor conceituada ao longo deste trabalho) e encontros ancestrais.

Os livros escolhidos para essa troca são: *Coletânea de literatura feminina Negra Louva Deusas*, publicado em 2012, sob a organização do Coletivo Louva Deusas, da cidade de São

Paulo, e contemplou material literário de 25 mulheres negras de grande parte do território nacional, algumas ainda com produção inédita, a aba do livro foi escrita por Cidinha da Silva;⁴ e *De Zacimbas a Suelys: Coletânea Afro-Tons de expressões artísticas de mulheres negras no Espírito Santo* (2017), organização do Coletivo Afro-Tons (ES), que publicou material artístico em formato de poema, conto, desenho e fotografia de 24 artistas que produzem arte no estado do Espírito Santo, tendo o projeto recebido recursos em formato de premiação em edital da Secretaria de Cultura do Estado do ES (Secult) – Diversidade Cultural Capixaba, com a aba escrita por Suely Bispo,⁵ homenageada da obra.

Ao longo deste tempo de publicação e veiculação dos referidos materiais artísticos, percebemos que estas obras figuraram como possibilidade de, além de apresentar e divulgar novas escritoras que, muitas vezes, não se viam pertencentes a este lugar, também emergir experiências de emancipação subjetiva e econômica, uma vez que, depois de tais materiais terem sido propagados, muitas dessas artistas/escritoras puderam estar em diferentes espaços de visibilidade cultural, bem como produzir seus próprios livros e circular com dignidade e referencialidade nesse devir que é artístico, mas, e especialmente, de enfrentamento a uma realidade de opressão, violências e subjugamentos que estas são impingidas ao longo das suas trajetórias de sobrevivência.

As narrativas contadas trazem toda uma atmosfera que inspira práticas de resistência, especialmente, ao contexto do racismo, do ma-

² Este texto é parte da pesquisa desenvolvida no estágio pós-doutoral da autora vinculada ao projeto "Pós(de)colonial, feminismos subalternos e política ontológica: uma análise das intervenções epistêmicas na teoria social", sob o financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo – Fapes.

³ O conceito pulverização de vozes foi cunhado pela pesquisadora moçambicana Inocência Matta para a obra do escritor angolano Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos conhecido como *Pepetela*, especificamente para o romance *Mayombe* (1980), que traz vozes em diálogo em uma narrativa impregnada de diversos focos narrativos. Estendemos o conceito para pensar as coletâneas de autoria feminina negra, uma vez que se aplica à noção de diálogo e expansão de vozes em coletivo e encontro (Matta 2009).

⁴ Cidinha da Silva é uma importante escritora negra, que traz em suas obras um profundo debate sobre o problema do racismo na sociedade brasileira e a solidão da mulher negra, bem como problematiza a importância do amor preto, numa autoria que reflete também a condição da mulher negra lésbica. Publicou 17 livros distribuídos pelos gêneros crônica, conto, ensaio, dramaturgia e literatura para a infância e juventude. A obra *Um Exu em Nova York* recebeu o Prêmio da Biblioteca Nacional na categoria contos em 2019 e *Explosão feminista* (ensaio), do qual é co-autora; foi finalista do Jabuti em 2019 e recebeu o Prêmio Rio Literatura 4ª edição no mesmo ano. Tem publicações nos idiomas alemão, catalão, espanhol, francês, inglês e italiano.

⁵ Suely Bispo nasceu na Bahia, mas exilou-se voluntariamente no Espírito Santo, e tem tido uma atuação em várias frentes culturais e políticas no estado. É atriz e poeta, formada em História e mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal do Espírito Santo. Atualmente é curadora da Startup Pretaria Blackbooks. No mestrado, realizou o primeiro trabalho acadêmico sobre o poeta Solano Trindade no Espírito Santo (2012). Tem diversos trabalhos publicados na área de História e Literatura. É autora dos livros *Resistência negra na Grande Vitória: dos quilombos ao movimento negro* (2006), *Desnudalmas* (2009), *Lágrima fora do lugar* (2016) e *Conversas com o silêncio* (2022). Foi coordenadora do Museu Capixaba do Negro Veronica da Pas – Mucane, na cidade de Vitória/ES (2013).

chismo, da transfobia, entre outros, tendo na arte uma estratégia de escape e luta, ressignificando espaços, produzindo compartilhamentos em vozes múltiplas e contatos de fortalecimento de ancestralidade e afeto.

A categoria ancestralidade nos é muito cara, uma vez que não só se apresenta como força motriz de continuidade, mas é destaque no fazer estético dessas escritoras, marcando o tom dos textos, a construção das personagens, o foco narrativo, o eu-lírico, a representação do tempo e espaço, as principais temáticas, bem como se forja como elemento que conecta essas vozes em diálogo, afetividade e união, o que chamamos de estética da ancestralidade. bell hooks (2020, 93-94) traduz a experiência do amor-próprio como movimento e emancipação:

Quando podemos nos ver como realmente somos, e nos aceitamos, construímos os fundamentos necessários para o amor-próprio. Todas já ouvimos a máxima: "Se você não se ama, não poderá mais amar ninguém". Soa bem. No entanto, é muito comum sentirmos certo grau de confusão ao ouvir essa afirmação. A confusão surge, pois, a maioria das pessoas que pensam não serem dignas de receber amor tem essa percepção porque, em algum momento de sua vida, foi socializada por forças fora de seu controle para ver-se indigna de amor. Nós não nascemos sabendo como amar alguém, quer se trate de nós mesmas ou de outra pessoa.

Assim, este estudo vem apresentar tais obras, promovendo um diálogo entre os elementos estéticos e temáticos, observando o que há de similaridades e diferenças nesses discursos que se produzem em prol de libertação, afetos, conquistas, consolidação de sonhos e desejos e estreitamento de laços ancestrais e valores afrocentrados, observando a literatura como uma possibilidade de realizar a tradução de si e a materialização do "vir-a-ter-voz" (Collins 2019, 188), em um lugar que é de luta, libertação e construção de afetos.

No conforto das conversas cotidianas, por meio de conversas sérias e do humor e na condição de irmãs e amigas, as mulheres afro-americanas afirmam a humanidade umas das outras, afirmam sua excepcionalidade e seu direito

de existir [...] assim [...] constitui um espaço importante no qual as amizades das mulheres negras são levadas a sério.

Para aprofundarmos, ainda que introdutoriamente, iniciaremos esse encontro propondo uma discussão sobre o universo das lutas políticas relacionadas ao movimento organizado de mulheres, observando o discurso da interseccionalidade, bem como o papel da literatura de autoria feminina negra nesse devir emancipação. Na sequência, apresentaremos os coletivos que se mobilizaram na publicação de tais coletâneas e analisaremos alguns poemas, escolhidos como basilares para a discussão proposta, em uma perspectiva dialógica e comparativa, tendo como foco a categoria escritora e a estética da ancestralidade.

Identidade de gênero e feminismos outros: relações com a literatura

O movimento organizado de mulheres surge muito antes do próprio movimento feminista que, especialmente, na segunda metade do século 20, entoava as reivindicações de um grupo seletivo de mulheres, brancas e pertencentes a uma certa elite, e se concentrava em torno de questões como o acesso ao trabalho; à liberdade e direitos sexuais e reprodutivos; o direito ao voto; em um sentido de afirmação desse grupo no debate sobre subordinação e o papel segregado das mulheres na sociedade ocidental, bem como o disciplinamento e a dominação de seus corpos e sentimentos pelos poderes masculinos. Lembrando que a categoria mulher aqui não se referia necessariamente às mulheres não brancas.

Quando nos referimos à noção de movimento organizado de mulheres, observando a existência das mulheres negras, salientamos, em diálogo com a pensadora Suely Carneiro, que esse contingente populacional sempre esteve imerso no campo do trabalho e, observando os tempos da escravidão e mesmo no pós-abolição, esses direitos e liberdade nunca foram uma pauta possível para estas mulheres, e estas também não pertenciam como categoria nas discussões e interesses do movimento feminista branco, uma

vez que sempre foi negada às pessoas negras o lugar de humanidade, configurando-se naquilo que nossa autora chama de identidade de objeto.

Nós, mulheres negras, fazemos parte de um contingente de mulheres [...] que trabalharam durante séculos como escravas nas lavouras ou nas ruas, como vendedoras, quituteiras, prostitutas [...] Mulheres que não entenderam nada quando as feministas disseram que as mulheres deveriam ganhar as ruas e trabalhar! Fazemos parte de um contingente de mulheres com identidade de objeto. Ontem, a serviço de frágeis sinhazinhas e de senhores de engenho tarados. São suficientemente conhecidas as condições históricas nas Américas que construíram a relação de coisificação dos negros em geral e das mulheres negras em particular. Sabemos, também, que em todo esse contexto de conquista e dominação, a apropriação social das mulheres do grupo derrotado é um dos momentos emblemáticos de afirmação de superioridade do vencedor. Hoje, empregadas domésticas de mulheres liberadas e dondocas, ou de mulatas tipo exportação.⁶

A partir da década de 1960, o movimento de mulheres ingressa em uma fase em que o debate igualdade-diferença se constitui em um paradoxo aparentemente sem solução. Não é casual que comecem a ganhar destaque outros discursos, de sujeitos outros, que expandem a percepção das formas de dominação masculina, mas também dos espaços de resistência e luta das mulheres. O projeto feminista, assim, ao focar a constituição do sujeito, aponta para as várias subjetividades e agenciamentos, uma vez que o sistema patriarcal legou a elas a condição de ser o "outro" do sujeito masculino (Costa 2002, 66).

O uso da categoria "mulher" sempre gerou certos desconfortos, observando diferentes perspectivas e interesses. Esta, inicialmente, tão importante identidade para a construção política do movimento, revelava-se, cada vez mais, uma construção histórica, individualizada, marcando uma "[...] coletividade volátil na qual os seres femininos podem estar posicionados de

formas bastante diferentes, de modo que não se pode confiar na aparente continuidade do sujeito 'mulheres'[...]' (Riley 1988, 2 apud Costa 2002, 71).

Dessa forma, pensar o movimento feminista exige um olhar que desconstrua a noção de homogeneidade. A vertente das feministas marxistas, por exemplo, continuaria a invocar as contradições existentes no espaço do trabalho que opõe produção e reprodução da vida, priorizando a luta material, tendo no capital a explicação primária para a opressão feminina e, nesse sentido, o problema da classe é o motivador principal para o debate de enfrentamento ao sistema patriarcal opressor (Fraser 1987).

A construção narrativa priorizada pelos movimentos organizados de mulheres⁷ dialoga com a noção de experiência, propondo para esta expressão subjetiva um *status* epistemológico e político, destacando a importância dos relatos das mulheres subalternizadas como testemunhas denunciadoras dos processos de opressão, violência e exclusão que estas vivenciam.

É possível observar, dentro de uma perspectiva identitária, como os movimentos de mulheres subsistem em espaços dialógicos e conflitivos, marcados por processos de hibridização de desejos e devires, agindo na transversalidade dos saberes, sendo considerados como espaços de hifenização (Oliveira 2010). As identidades de gênero são construídas nas margens, "nos interstícios das estruturas e dos discursos dominantes" (Costa 2002, 78), observando os espaços de deslocamentos de outras categorias epistemológicas, trazendo à cena esses sujeitos hifenizados, marcados por bases plurais de construção e outras formas de opressão, transcendendo a exclusividade do gênero.

A interseccionalidade, conceito pensado por muitas intelectuais, como Angela Davis, Patricia Hill Collins, Lélia Gonzalez, entre outras, é um elemento de grande importância para o enten-

⁶ Carneiro, Suely. 2011. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. *Geledes*, 6 mar. 2011. Acessado em 20 mar. 2023. <http://www.geledes.org.br/sueli-carneiro-enegrecer-o-feminismo-a-situacao-da-mulher-negra-na-america-latina-a-partir-de-uma-perspectiva-de-genero>.

⁷ Preferimos usar esta expressão, uma vez entendendo que as mulheres, especialmente as negras, já se organizavam em prol de emancipação e enfrentamento a uma realidade de opressão (exemplo, as irmandades negras do século 19 no Brasil), a categoria feminismo parece não contemplar um movimento que nasce, inclusive, muito antes dessa expressão. Ver um esboço dessa discussão em Bernardo (2005).

dimento das inúmeras demandas de diferentes mulheres em torno de questões muito próprias e específicas. Impossível conceber o sujeito mulher monolítico, uma vez que, dentre outras, a questão racial também se faz presente como elemento facilitador ou dificultador de acesso aos postos de relevância política, social e econômica, bem como às oportunidades iguais. Também, as diferenças de classe e de orientação sexual são marcadores de subordinação na sociedade.

O conceito de interseccionalidade foi sistematizado pela estadunidense Kimberlé Crenshaw, e inaugurado por ela em um artigo publicado em 1989, "Desmarginalizando a intersecção de raça e sexo: uma crítica feminista negra da doutrina antidiscriminação, teoria feminista e políticas antirracistas". A autora propõe pensar a interseccionalidade como metodologia a ser utilizada para enfrentar as causas e os efeitos da violência contra as mulheres negras.

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento. (Crenshaw 2002, 177).

Considerando a interseccionalidade das diferenças, abrem-se espaços intermediários de ações e discussões e, também, de produção de sujeitos, nos *entrelugares* da força, empregando um engajamento múltiplo, porém, com o foco nas relações de dominação e subordinação.

Patricia Hill Collins (2019) explica que o pensamento feminista negro, que se forja conectado com uma perspectiva interseccional, foi produzido, primeiramente, por intelectuais afro-americanas, no seio do movimento negro e antirracista para rearticular a interdependência das experiências das mulheres negras e a variedade da consciência feminista afrocêntrica. Este modelo

de feminismo traz à tona a questão da raça e da cultura para repensar a integração das mulheres que vivenciam pertencimentos outros.

A interseccionalidade investiga como as relações interseccionais de poder influenciam as relações sociais em sociedades marcadas pela diversidade, bem como as experiências individuais na vida cotidiana. Como ferramenta analítica, a interseccionalidade considera que as categorias de raça, classe, gênero, orientação sexual, nacionalidade, capacidade, etnia e faixa etária – entre outras – são inter-relacionadas e moldam-se mutuamente. A interseccionalidade é uma forma de entender e explicar a complexidade do mundo, das pessoas e das experiências humanas. (Collins e Bilge 2020, 16).

As pensadoras citadas acima afirmam que o *feminismo branco* reflete o pensamento e o discurso racista da supremacia branca da sociedade estadunidense, de modo que mesmo sendo o sexismo uma experiência comum a todas as mulheres, tratar o feminismo apenas na perspectiva de gênero não seria o suficiente para considerar a pluralidade das vivências.

Como não poderia ser de outro modo, a experiência de vida é um critério de credibilidade na evocação das subjetividades das mulheres negras, sendo um elemento primordial no seu ativismo e na sua prática de desconstrução do *status quo* e do poder hegemônico. A experiência enquanto sabedoria é diferente do conhecimento e algo fundamental para a sobrevivência das mulheres negras. Na perspectiva do pensamento feminista negro, mulheres negras intelectuais "não têm de ser de classe média, educadas, de meia idade, ou reconhecidas como tal pela academia ou outros estabelecimentos. Mulheres negras intelectuais constituem um grupo altamente diversificado" (Collins 2019, 36), que têm em comum o objetivo de trabalhar pela autonomia das mulheres negras.

Para bell hooks (2015), as mulheres negras, sem qualquer *outro* institucionalizado que possa discriminar, explorar ou oprimir, trazem consigo o mais real desafio à estrutura social sexista, classista e racista vigente, que é a sua ideologia: a consciência de sua marginalidade é sua força

contra-hegemônica. Nesse sentido, o movimento organizado de mulheres tem um papel central no enriquecimento de uma teoria feminista que se apresenta como uma *práxis* feminista coletiva e libertadora.

Nesta seara, será muitas vezes pela escrita literária que os discursos produzidos por mulheres promoverão subjetividades outras e farão a resistência, bem como a denúncia dos processos de opressão e violência em que vivem esses sujeitos, de modo a criar novas perspectivas estéticas e garantir a emergência de outras epistemologias. Teremos aqui uma produção literária marcada pelo tom transgressivo, reconfigurando espaços da memória, denunciando as heranças da violência da colonização e da escravidão.

A literatura de autoria feminina negra centra sua narratividade nas experiências de vida e na crítica ao sistema normativo que subjuga identidades, forma sujeitos subalternizados, violenta subjetividades e corpos, promovendo um debate social e político que gira em torno dessa vivência ou *escrevivência*, trazendo o tom testemunhal, memorialístico, para o contexto do fazer literário. O processo de lembrar – reconstruir na memória as agruras da escravidão e do racismo – é parte de um projeto de revisão histórica e de reparação moral, além de configurar como um projeto de existência, de reconhecimento, de afirmação de potencialidades, de desconstrução da identidade de objeto forjada no racismo estrutural que atinge diretamente o sujeito negro e, mais especificamente, as mulheres negras.

A categoria *escrevivência* tem sido norteadora do tom estético de muitas produções literárias de autoria feminina negra, especialmente, no que tange um modo de fazer muito específico, que traduz e materializa um jeito próprio de contar que se faz em diálogo, continuidades e coletividade.

Conceição Evaristo define essa prática não como um conceito, mas como uma expressão de si, que vai além da escrita de si, pois é manifestada em um múltiplo, ou seja, as narrativas contadas em *escrevivência*, apesar de materializ-

zarem histórias individuais, são representações de vivências coletivas, de afetos e dores partilhadas, de encontros e desencontros ancestrais.

A *Escrevivência* pode ser como se o sujeito da escrita estivesse escrevendo a si próprio, sendo ele a realidade ficcional, a própria inventiva de sua escrita, e muitas vezes o é. Mas, ao escrever a si próprio, seu gesto se amplia e, sem sair de si, colhe vidas, histórias do entorno. E por isso é uma escrita que não se esgota em si, mas, aprofunda, amplia, abarca a história de uma coletividade. Não se restringe, pois, a uma escrita de si, a uma pintura de si. (Evaristo 2020, 35).

Em entrevista concedida ao programa Roda Viva, da TV Cultura, em 6 de setembro de 2021,⁸ Evaristo explica o conceito de *escrevivência* em relação a alguns mitos afro-brasileiros e africanos e cita a metáfora do Abebê, o espelho de Oxum e Iemanjá que, diferente do mito de Narciso, não representa necessariamente a imagem do sujeito individual projetada, mas sim uma imagem fragmentada em coletivo que é tensionada em perspectiva, ampliando uma consciência de si, da beleza, das potências, do acolhimento, que são afirmadas pelo encontro na ancestralidade, na imagem multifacetada que essa indumentária mostra. Assim, a *escrevivência* seria então essa força mobilizadora materializada na escrita que traz a consciência coletiva que é empotencializadora e que permite condições de enfrentamento e produções de resistências.

No Brasil, existem autoras emblemáticas dessa trajetória literária marcada pelo fazer estético em *escrevivência* desde o século 19 (exemplo, Maria Firmina dos Reis e Auta de Souza), e ainda que não figurem no universo canônico e currículos escolares, torna-se essencial salientar a importância dessas produções e discursos que seguem se fazendo na contracorrente e que nascem da necessidade de denunciar as opressões e a invisibilidade da condição marginalizada dos negros e negras na sociedade, bem como expressam a militância para a desconstrução desses silenciamentos, promovendo, através da arte literária, uma representação discursiva antipatricarcal e

⁸ Roda Viva. 2021. Programa de TV Roda Viva, 6 set.2021. Youtube. Acessado em 4 dez. 2023. <https://youtu.be/J-wfZGMV79A?si=w4aL-SlY21CFGgSh1>.

antidiscriminatória e autodefinidora

[...] "a literatura feminina/feminista" se justifica pelo rompimento com a hegemonia e supremacia masculina, visto que, por meio dela, podem-se desenhar e reconhecer existências e práticas sociais diferenciadas de um "eu feminino", com atributos e papéis distintos do masculino, mas não inferior e desigual [...]. (Silva 2010, 23).

O projeto da literatura de autoria feminina negra traz todas essas questões e acrescenta outras, incluindo a problemática da exclusão social, da marginalização, da estigmatização do corpo da mulher negra, da solidão da mulher negra, do afeto preto, da maternidade, do direito à sexualidade, do racismo. Esta arte se constrói comprometida com o universo da emancipação política e cultural desses sujeitos, circunscrevendo esse movimento organizado de mulheres marcado por referências ancestrais, tradicionais, experienciais, testemunhais. Vemos um projeto literário inovador, uma vez que traz vozes que historicamente foram silenciadas e, agora, apropriando-se da escrita, forjam um discurso e uma estética reinventada para si, trazendo à luz contextos e universos que até então não foram contados ou pouco visibilizados pelos espaços culturais e educacionais.

Coletâneas de autoria feminina negra: ecoando vozes

Antes de tratarmos especificamente dos coletivos e das obras já citadas, vale ressaltar, ainda que brevemente, a importância histórica que o gênero coletânea teve na ampliação e divulgação das literaturas negras brasileiras, em destaque para o *Cadernos Negros* que, a partir de 1978,⁹ dinamizou muitas produções, publicando contos e poemas da literatura negra produzida no Brasil, tendo se tornado o principal veículo de divulgação da escrita daqueles que resolveram colocar no papel suas experiências e visões de mundo, à revelia do cânone literário que sempre se forjou em moldes excludentes e segregacionistas.

Esse gênero literário tem o potencial de reunir vozes, ampliando um debate em torno de produções que desejam se realizar em contato coletivo, naquilo que já citamos aqui, ou seja, a pulverização de vozes. Entendemos esse pulverizar como lugar de criação, fecundação e ampliação de discursos e possibilidades.

Assim, iniciamos pelo coletivo de Mulheres Negras Louva Deusas¹⁰ que organizou e publicou a *Coletânea de literatura feminina negra Louva Deusas*, visando estimular e difundir a produção cultural de mulheres negras contemporâneas. O livro é uma proposta autônoma e se deu da seguinte maneira: no mês de julho de 2011, o coletivo fez um chamado às mulheres negras do Brasil de todas as idades para compartilharem seus escritos em uma coletânea contemporânea de textos literários.

O coletivo teve como contrapartida o envio de textos de 25 autoras de São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Bahia, Paraná, Pernambuco e Amapá, além dos textos críticos do prefácio, da aba, da apresentação e da introdução. Do extenso material recebido, foram selecionados contos, crônicas e poemas que demonstraram imagens da estética, da política e da subjetividade feminina negra na literatura contemporânea e que deram unidade ao projeto. O objetivo deste trabalho foi valorizar as autoras negras, a literatura feminina negra, o intercâmbio entre autoras e a inserção na crítica literária brasileira.

Nesse ambiente plural de vozes, percebemos um fio que conduz as expressividades e confissões de tantas mulheres, levando a um encontro de vivências comuns, ancestrais, partilhadas em lutas e enfrentamentos, vontades de emancipação, ressignificação de corpos. Para ilustrar todas essas nuances, citamos dois trechos de poemas, ou seja, um fragmento de poema da mineira Larissa Borges em diálogo com um trecho do texto da pernambucana Pollyanne Carlos da Silva:

[...] O corpo negro
Os lugares do desejo

⁹ Ver: Oliveira Júnior (2017).

¹⁰ Coletivo de Mulheres Negras Louva Deusas. Acessado em 4 dez. 2023. <https://louvadeusas.wordpress.com>.

A mulher negra em frente ao espelho
Os não lugares
Os não desejos
Os meus desejos [...] (Borges 2012, 34)

[...] Vou rasgar-me toda em pelo
Pelo menos visceros o desejo
Perdendo o medo
De arder...
Caio sem riscos no mar...
Sem pele, sem pelo... (Silva 2012, 25).

Os poemas falam de anseios, corpos, desejos, lugares e não lugares, silenciamentos, expansão; apresentando um eu-lírico negro que exige o encontro de vozes múltiplas em conexão ancestral, em uma estética que recupera valores engendrados em um tempo diaspórico, revisionário, trazendo a ancestralidade como um tempo vivo, fronteira pulsante, em deslocamentos de resistência, denúncia e afirmação das potencialidades desse corpo-pele em ascensão.

Das muitas referências negras matriarcais ofertadas nessa obra, uma nos chama especial atenção (o que veremos também na outra coletânea referenciada neste artigo), ou seja, a especial importância dada às cosmogonias afrocentradas, trazendo a narrativa das divindades iorubás, orixás, yabás (divindades femininas) e toda energia vital que esses ancestrais produzem na configuração da força do encontro.

Lívia Natália (2012, 23), escritora baiana, em seu poema "Obrigação", hibridiza os elementos da natureza como a terra, a água, o ouro com um devir do sagrado feminino reforçado por Oxum, divindade da beleza e da maternidade, em um apelo de encantos, encontros e fortalecimento de laços: "Ela me banha em dourado, em lágrima agridoce, pois o choro é de Oxum". Urânia Munzanzu (escritora baiana) também olha para a natureza no sentido de buscar acalanto e proteção, tendo em Oyá a força propulsora de sua resistência e confiança no sucesso da luta:

Oyasi
Quando se pensa improvável: ela chega!
Quando parece que ela está: já se foi...
Oyá, como ventania levou pra longe minha dor.
Iansã cuidou de mim, curou minha lepra!

Quando ninguém me queria, Oyá me tomou nos braços...
Por Iansã dobro meus joelhos, me calo!
Oyá é ventania que espalha
Oyá é vento que junta!
Oyá como minuano, soprou sobre mim seu dom.
Pra Iansã tudo! [...]. (Munzanzu 2012, 27).

É evidente em todas as narrativas a necessidade de autoafirmação a partir de um lugar de fala autoral, que negocia experiências, vivências, luta, anseios e práticas com esse tempo diaspórico, ancestral, na conciliação entre tradição e modernidade, dores e afirmações de si, em uma escrita que além de confessional, memorialística, é também curativa. A literatura que se faz atua no sentido do cuidado de si e do outro, no caso, em vozes de mulheres que se afeiçoam e se aproximam pela vivência de subalternização e a necessidade de libertação. Claudia Simões, escritora que figura entre São Paulo e Salvador, arremata e confirma:

[...] Tentam mudar meu nome, tentam despir minha pele
Mas sou filha de Ferro e Fogo
Carcará, ave de rapina
E nem o frio – que dói e alucina
Nem parede de barro
Vai conseguir me parar
Eu passo por cima! (Simões 2012, 51).

Nesse contexto que marca uma estética ancestral, de continuidade, tendo no passado um reflexo do presente vivo, a importância de citar referências narrativas afrocentradas também se faz presente nas coletâneas trabalhadas aqui.

No poema "Ainda tem gente com fome", da já citada escritora Lívia Natália, temos uma referência e homenagem ao escritor Solano Trindade, no seu clássico texto "Tem gente com fome". A fome, assim como a privação de bens básicos para a sobrevivência, segue sendo uma temática de grande importância na literatura negra brasileira: "Quem tem fome tem pressa. Quem tem fome, tem medo. Quem tem fome não tem nada [...]" (Natália 2012, 22).

O amor próprio, preto, autodefinido, será um elemento também presente nas narrativas das mulheres negras, marcando essa estética da ancestralidade, que pormenoriza traços muito específicos da condição da mulher negra em ressignificar sua existência e exaltar como processo de continuação o pioneirismo das que vieram antes e permanecem neste tempo vivo que é a ancestralidade. Tatiana Gomes da Costa, do Rio de Janeiro, em seu poema "Afetividades", confirma a relevância essencial que o poder da autoestima revela no fortalecimento de potencialidades negras, mais uma vez tendo na ancestralidade a condição inerente de encontro e permanência.

Deixar o braço transformar-se em tinta, palheta e pincel...

Recriar a face retalhada pela falta de amor-próprio

Retirar do pôr do sol do estômago. Sentir a vida pulsar junto aos amores imperfeitos.

Essa hora chega sim! Explode veias e os calafrios; mas Oxalá varre para longe às correntes [...]. (Costa 2012, 46).

Nesse passeio de encontros, outro importante coletivo que nos leva a refletir sobre essas possibilidades de análise e sistematização da estética da ancestralidade em discursos afrocentrados é o Afro-Tons, que se forja como um coletivo de expressividade artística, tendo como pano de fundo a divulgação e a socialização da literatura e de outras expressões artísticas (música, dança, artes plásticas, cinema etc.) de origem negra. O grupo tem o objetivo de compartilhar saberes sobre as culturas africanas e negras brasileiras, através da divulgação de artistas consagrados e consagradas, bem como trabalhos independentes. Também promove o debate sobre questões políticas e sociais que perpassam estes universos, com o intuito de desconstruir estereótipos depreciativos e estigmatizantes, e ressignificar valores e identidades, sendo este um projeto

independente e autogestor.

Em 2017, o Coletivo lançou *De Zacimbas a Suelys: Coletânea Afro-tons de Expressões Artísticas de Mulheres Negras no Espírito Santo*, em parceria com o Instituto Das Pretas¹¹ e a editora independente Me Parió Revolução.¹² A obra traz a arte em forma de poesia, conto, fotografia e desenho de 24 mulheres poderosamente negras, que trazem todo o universo de dor, crítica, denúncia, beleza, afroamor, luta e resistência vivida e sobrevivida no contexto espiritosantense, em um espaço marcado por processos de empoderamento e desejo de subversão do sistema que oprime e silencia vozes e devires.

Mais uma vez, a diversidade é uma constante da narratividade, ainda que certos discursos sejam aproximativos e reveladores de uma identidade múltipla em diálogo, uma vez que certas dores e incômodos permanecem marcando subjetividades e ressoam como força motriz da produção estética e autoral dessas escritoras em território capixaba.

Luiza Vitória (2017), por exemplo, ressignifica olhares estereotipados para a mulher negra, em uma afirmação que pormenoriza traços, intenções, lutas, revelando uma aura de resistência e enfrentamento ao padrão estabelecido. Na mesma linha de frente, Rissiani Queiróz (2017) destila seu poema-manifesto contra tudo o que o patriarcado e o sistema capitalista anunciam e impõe no sentido do aniquilamento de vozes e corpos negros.

[...] Meu nome é
sou mulher, negra, capixaba, favelada, brasileira
e
não,
eu não sei sambar
também não sei fazer o quadradinho de oito

¹¹ O Instituto das Pretas é um laboratório de Inovação e Tecnologia Social, afrocentrado e diverso, que constrói soluções através de metodologias ágeis e caminhos para futuros múltiplos, diversos, inclusivos e possíveis. O espaço fomenta a discussão sobre o letramento racial, economia solidária e criativa e afroempreendedorismo. Acessado em 4 dez. 2023. <https://daspretas.com.br/quem-somos>.

¹² O livro está disponível para download em <https://www.mepario.com.br>, assim como outras obras publicadas pela editora. O Selo Editorial Me Parió Revolução é independente, organizado e gerido por um grupo de mulheres periféricas que residem na cidade de São Paulo e, há 10 anos, atua com a finalidade de promover o acesso aos livros e à leitura em território periférico. Sua principal idealizadora, Dinha, é uma das mais potentes, emblemáticas e criativas escritoras da literatura feminina negra da periferia na contemporaneidade e possui um grande acervo de publicações, disponíveis gratuitamente no site da editora.

não uso salto, brinco ou colar [...] (Vitório 2017, 65).

[...] Ah sociedade machista, racista e medíocre!
Pra você que nos quer caladas e fracas: temos megafone e auto-organização

Pra você que quer explorar nossa sexualidade
Manter nosso corpo na vida privada, em submissão

Estamos ultrapassando a porta e saindo pra rua
DE CANIVETE NA CINTURA E FACÃO NA MÃO!
(Queiróz 2017, 38-39).

O acalanto ancestral também se faz presente nessa obra, especialmente na voz de Jaiara Dias Soares que vê nos braços maternos de Iemanjá a força de continuidades e laços de encontro com uma África que é pulsante, viva, e reverbera em cada corpo negro traduzido em verdade, afirmação, afetos e sonhos: [...] Oh Yemanjá, aquiete minh'alma, me acalante no teu seio até eu dormir tranquila e voltar a sonhar. Oh Odoyá! (Soares 2017, 49).

Angela Dionizio, trazendo o apelo da mais velha, conecta seu mundo capixaba com uma África reluzente, inspiradora, mãe, fazedora de encantos e motivadora de lutas. Nas batidas dos tambores, em ritmos negros, em cantigas de roda, Angela nos leva para um ambiente negro diaspórico tão comum e ao mesmo tempo demonizado por toda uma sociedade que ainda se forja no racismo estrutural, simbólico e institucional.

[...] Filha de Nanã.

Sou roda de ciranda.

Sou quizomba ou reisado.

Sou batuque dos negros.

Sou jongo e capoeira.

Sou samba duro de roda.

Dançado no terreiro batido.

Sou quem levanta a poeira do chão [...]. (Dionizio 2017a, 131).

Tamyres Batista (2017), a exemplo do que foi feito e citado acima por Livia Natalia (2012), ofereceu sua narrativa em prosa aos "olhos de Conceição Evaristo", lembrando sua capacidade signatária de ser escrevivência, em um texto que argamassa lirismo, afeto, violência e esperança.

[...] Teresa partia deste para outro mundo, do qual infelizmente ainda não tinha tido tempo de pensar sobre, agarrou-se à imagem de Aya, faltavam alguns detalhes para essa ideia-cidade que ela ainda não tinha conseguido pensar, e enquanto o chão se tingia de um vermelho-carminim ela se lembrou de uma antiga promessa que tinha anotado em seu rascunho. "Nesta cidade, mulheres pretas podem dormir, enfim, em paz". (Batista 2017, p. 45).

Mariana Dionizio não esquece a grandiosa Carolina Maria de Jesus e oferece sua poética ancestral para a nossa "vedete da favela". O poema "Carolina" nos mostra a força de encontro, afirmação, pertencimentos, que a vida de Carolina trouxe para a existência da poeta, sendo ela mesma definida como continuidade da mesma. Ela diz sobre Carolina e sobre si e tantas que ocuparam sua existência em uma imagem de escrevivência só possível pela força de ação do Abebê (o espelho que projeta imagens multifacetadas em pulsão de vidas ancestrais).

[...] Tão humana.

Tão parecida com a minha avó.

Tão minha mãe.

Tão minhas tias.

Tão eu.

Tão distante de mim.

Tão observadora.

Tão politizada.

Tão mulher.

Tão preta e orgulhosa por isso.

[...] Para quem você foi, por quem você não é para o seu país, para quem você é, e para quem você será.

" - Muito bem, Carolina!". (Dionizio 2017b, p. 72-3).

Assim, para não fechar e deixar o convite para a leitura das obras na íntegra, Noelia Miranda exalta a nobreza africana tão importante em tempos revisionários de construção de narrativas outras, através de traços e imagens que conectam valores simplórios, ao mesmo tempo, prenhes de visibilidade para um corpo por tanto tempo silenciado, que não cabendo mais em si, revolta-se em arte, sonoridade, cor e exaltação.

[...] Notam-se nas minhas raízes, veias e sangue,
No meu cheiro, no molejo e balançar da vida
No meu axé,
Nota-se nas paredes da minha casa, na varanda,
No jardim de ervas no parapeito das minhas janelas,
Nota-se,
Minha nobreza africana (Miranda 2017, 92).

Podemos perceber, mesmo que brevemente, que os fragmentos dos poemas evocados aqui orientam a análise para esse lugar forjado em uma ancestralidade africana que é força de acolhimento e expansão de potencialidades, trazendo a natureza como elemento de encontro e conexão (a estética da ancestralidade). Dessa forma, vislumbramos os múltiplos diálogos que se constroem nessa perspectiva de busca por uma autodefinição de si que seja afirmativa, reveladora, afetiva, resistente; marcada essencialmente por uma força coletiva, capaz de mobilizar projetos, anseios, desejos e ações em prol de continuidades e movimento.

Continuamos a ouvir

As epistemologias outras apresentadas nestas duas coletâneas como estética da ancestralidade falam de um universo matrilinear no seio da construção histórica e política, sendo as mulheres as principais sacerdotisas desse espaço, que não se faz apenas dentro de um contexto mágico-espiritual, mas principalmente agrega valores outros à vida em sociedade.

A ideia de mãe, tão presente em muitas narrativas, dialoga com a representação fortemente marcada na metáfora da mãe-terra, trazendo outros olhares sobre o conceito do sagrado feminino, que antes de subjugar a mulher como um ser primitivo, pois voltado para a natureza, ressignifica esse espaço como um lugar de poder, de constituição de uma identidade autoral, baseada em sentimentos e narrativas de outros espaços de referência que confrontam aqueles marcados pela cultura hegemônica, que valoriza a ciência e a racionalidade moderna acima de todas as coisas.

A explicação dada, por uma mãe-de-santo tradicional, sobre o fato da sucessão no seu terreiro seguir normas matrilineares é dita da seguinte forma: *“Olhe minha filha na minha casa só mulher pode ser rainha; Ora por quê? Ela tem mais axé”*. A resposta dada pela sacerdotisa sobre o fato de ser a mulher a grande sacerdotisa do candomblé faz com que eu retome a discussão da mulher africana, dos cultos da lá Mi Oxorongá, que [...] refere-se as estas últimas como mais poderosas que os orixás, que por sua vez, parecem ter relações com o fato de as mulheres terem desenvolvido poderes ocultos para proteger a si e as seus filhos dos conflitos originados na família poligínica; do desenvolvimento profundo do sentimento materno e começo a compreender porque a mulher é a sacerdotisa central dos primeiros terreiros que se tem notícia. Mais precisamente, o exercício do amor, do afeto – parece desenvolver o axé. Isto é, troca-se o amor por axé. É essa relação determinante no candomblé – a reciprocidade. (Bernardo 2005, 19).

A estética/modo de fazer dessas autoras demonstra um percurso dialógico somente possível pelo recurso da escrevivência, da voz testemunhal, memorialística, confessional, que é cura, encontro e ancestralidade. Esse modo de fazer; a própria literariedade; a escolha do repertório lexical; o eu-lírico mulher negra; o foco narrativo partilhado e solidário; o encontro de uma subjetividade marcada em uma episteme negra conectada aos referenciais de matriz africana em ser/estar com as yabás; a força da natureza não isolada de si, mas parte e complemento; a linguagem enfática e doce, traçada como linha de rio, como encontro atlântico (Nascimento 2022); é o que define essa estética da ancestralidade.

Nesse sentido, vemos um trajetória literária, que está sendo chamada aqui de estética da ancestralidade, sendo um modelo matriarcal que reinventa a própria ideia de natureza e os conhecimentos advindos desse contato, buscando no sagrado feminino a força para propulsão de novos valores à sociedade, centrados em saberes ancestrais, que dialogam com experiências múltiplas de poder feminino e de posições do sujeito mulher em sociedades distinguidas por experiências variadas, com olhares femecentros, buscando no encontro com essas outras culturas o mote condutor para novas estratégias

de identificações, resistência, emancipação e construção estética.

Assim, a literatura de autoria feminina negra representada neste artigo pelas duas obras referenciadas, se coloca na construção de dizeres outros, trazendo para isso perspectivas e ideais também dos movimentos de mulheres negras organizados ou não. Portanto, essa literatura se forja através de propósitos políticos que contestam o binarismo homem *versus* mulher, a dominação do gênero masculino, as relações assimétricas de poder, o disciplinamento do corpo feminino, ao mesmo tempo em que se oferece como possibilidade de subsistência e emancipação, também, de revolução, promovendo um belo e potente encontro ancestral de pulsão de vida, arte, afeto e luta.

Referências

- Afro-Tons, org. 2017. *De Zacimbas a Suelys: Coletânea Afro-Tons de expressões artísticas de mulheres negras no Espírito Santo*. Vitória: Edições Me Parió Revolução.
- Batista, Tamyres. 2017. A noite não adormece. In *De Zacimbas a Suelys: Coletânea Afro-Tons de expressões artísticas de mulheres negras no Espírito Santo*, organizado por Afro-Tons, 45. Vitória: Edições Me Parió Revolução.
- Bernardo, Teresinha. 2005. O candomblé e o poder feminino. *Revista de Estudos da Religião* 2: 1-21.
- Borges, Larissa. 2012. Mulher negra em frente ao espelho. In *Coletânea de literatura feminina negra Louva Deusas*, organizado por Louva Deusas, 34-35. São Paulo: Editora Independente.
- Collins, Patricia H. 2019. O poder da autodefinição. In *Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*, 179-216. São Paulo: Boitempo Editorial.
- Collins, Patricia H., e Sirma Bilge. 2020. *Interseccionalidade*. São Paulo: Boitempo.
- Costa, Claudia de L. 2002. O sujeito no feminismo: revisitando os debates. *Cadernos Pagu* 19: 59-90. <https://doi.org/10.1590/S0104-83332002000200004>.
- Costa, Tatiana G. da. 2012. Afetividades. In *Coletânea de literatura feminina negra Louva Deusas*, organizado por Louva Deusas, 46. São Paulo: Editora Independente.
- Crenshaw, Kimberle. 2002. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Estudos Feministas* 10 (1): 171-188. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2002000100011>.
- Dionizio, Angela. 2017a. Filha de Nagô. In *De Zacimbas a Suelys: Coletânea Afro-Tons de expressões artísticas de mulheres negras no Espírito Santo*, organizado por Afro-Tons, 131. Vitória: Edições Me Parió Revolução.
- Dionizio, Mariana. 2017b. Carolina. In *De Zacimbas a Suelys: Coletânea Afro-Tons de expressões artísticas de mulheres negras no Espírito Santo*, organizado por Afro-Tons, 72-3. Vitória: Edições Me Parió Revolução.
- Evaristo, Conceição. 2020. A escrevivência e seus subtextos. In *A escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*, organizado por Constância L. Duarte e Isabella R. Nunes, 26-47. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte.
- Fraser, Nancy. 1987. Que é crítico na Teoria Crítica? O argumento de Habermas e gênero. In *Feminismo como crítica da modernidade*, organizado por Seyla Benhabib e Drucilla Cornell, 38-65. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.
- hooks, bell. 2015. Mulheres negras: moldando a teoria feminista. *Rev. Bras. Ciênc. Polít.* 16: 193-210. <https://doi.org/10.1590/0103-335220151608>.
- hooks, bell. 2020. *Tudo sobre o amor: novas perspectivas*. São Paulo: Elefante.
- Louva Deusas, org. 2012. *Coletânea de literatura feminina negra Louva Deusas*. São Paulo: Editora independente.
- Mata, Inocência. 2009. Pepetela: a releitura da história entre gestos de reconstrução. In *Portanto... Pepetela*, organizado por Rita Chaves e Tania Macêdo. São Paulo: Ateliê Editorial.
- Miranda, Noelia. 2017. Nota-se. In *De Zacimbas a Suelys: Coletânea Afro-Tons de expressões artísticas de mulheres negras no Espírito Santo*, organizado por Afro-Tons, 92. Vitória: Edições Me Parió Revolução.
- Munzanzu, Urânia. 2012. Benção dos ventos. In *Coletânea de literatura feminina negra Louva Deusas*, organizado por Louva Deusas, 27. São Paulo: Editora Independente.
- Natália, Livia. 2012. Obrigação. In *Coletânea de literatura feminina negra Louva Deusas*, organizado por Louva Deusas, 23. São Paulo: Editora Independente.
- Natália, Livia. 2012. Ainda tem gente com fome. In *Coletânea de literatura feminina negra Louva Deusas*, organizado por Louva Deusas, 22. São Paulo: Editora Independente.
- Nascimento, Beatriz. 2022. Culturas em diálogo. In *O negro visto por ele mesmo*, organizado por Alex Ratts, 85-8. São Paulo: Ubu Editora.
- Oliveira, João Manuel de. 2010. Os feminismos habitam espaços hifenizados. A localização e interseccionalidade dos feminismos. *Ex aequo; revista da Associação Portuguesa de Estudos sobre as Mulheres* 22: 25-39.
- Oliveira Júnior, Lenivaldo Idalino de. 2017. *Cadernos Negros: entre a arte literária e a luta pelos direitos da população negra brasileira (1978-1988)*. Dissertação em História, Universidade Federal Rural de Pernambuco.

Queiróz, Rissiani. 2017. Poesia 2. In *De Zacimbas a Suelys: Coletânea Afro-Tons de expressões artísticas de mulheres negras no Espírito Santo*, organizado por Afro-Tons, 38-9. Vitória: Edições Me Parió Revolução.

Santos, Mileide. 2017. Vozes afro da pele. In *De Zacimbas a Suelys: Coletânea Afro-Tons de expressões artísticas de mulheres negras no Espírito Santo*, organizado por Afro-Tons, 78-9. Vitória: Edições Me Parió Revolução.

Silva, Ana Rita S. da. 2010. Literatura de autoria feminina negra: (des)silenciamentos e ressignificações. *Fólio - Revista de Letras* 2 (1): 20-37.

Silva, Pollyane C. da. 2012. O que há se arder-me dentro do mar? In *Coletânea de literatura feminina negra Louva Deusas*, organizado por Louva Deusas, 25. São Paulo: Editora Independente.

Santos, Artur Calos M. P. dos (Pepetela, pseud.). 1980. *Mayombe*. 5. ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote

Simões, Claudia. 2012. Estou na terra da garoa. In *Coletânea de literatura feminina negra Louva Deusas*, organizado por Louva Deusas, 51. São Paulo: Editora Independente.

Soares, Jaiara Dias. 2017. Apelo à lemanjá. In *De Zacimbas a Suelys: Coletânea Afro-Tons de expressões artísticas de mulheres negras no Espírito Santo*, organizado por Afro-Tons, 49. Vitória: Edições Me Parió Revolução.

Vitório, Luiza. 2017. Referência. In *De Zacimbas a Suelys: Coletânea Afro-Tons de expressões artísticas de mulheres negras no Espírito Santo*, organizado por Afro-Tons, 65. Vitória: Edições Me Parió Revolução.

Cibele Verrangia Correa da Silva

Doutora em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), em Vitória, ES, Brasil; pós-doutoranda no Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais na mesma universidade. Mestre em Letras e Licenciatura em Letras pela Universidade Estadual de São Paulo (Unesp), em São Paulo, SP, Brasil.

Os textos deste artigo foram revisados pela SK Revisões Acadêmicas e submetidos para validação da autora antes da publicação.